

Daniela Cunha Blanco
Universidade de São Paulo

Entre o corpo e a palavra: um novo regime de visibilidade em Jacques Rancière

No final da décima quinta carta de A educação estética do homem, Schiller descreve a estátua grega conhecida como Juno Ludovisi: entre o movimento e o repouso, entre a mulher e a divindade, entre a sedução e a distância, diz Schiller, encontramos-nos em um estado de suspensão. A cena dessa descrição, para Jacques Rancière, alegoriza o estatuto da arte e de sua política no que denomina de regime estético, um regime de visibilidade e de pensabilidade das artes que comporta um paradoxo: a arte é nele considerada arte no momento em que é algo mais que arte, em que faz parte de uma partilha do sensível, de uma configuração estético-política da distribuição dos corpos em comunidade. Mas, o que faz com que esses corpos – o da estátua grega descrita por Schiller, tanto quanto os corpos em comunidade – tenham tal relevância nesse regime é justamente a entrada do sensível no jogo do pensamento e da experiência, tendo como consequência o desaparecimento da ideia de um sujeito que precede a escrita. Pretende-se pensar como a entrada do sensível em cena altera o pensamento da escrita em Rancière, que será pensada a partir da ideia de palavra muda, em oposição a uma palavra viva, que estaria reduzida à cena oratória, ou seja, a um sujeito que fala. Apontamos, assim, como Rancière fornece maior importância à descrição feita por Schiller do que a um conjunto de argumentos como ponto central da configuração do regime estético. A escrita que se configura nesse regime é, segundo Rancière, aquela da letra desincorporada. A entrada do sensível e da materialidade do corpo na experiência e no pensamento implica, assim, o desaparecimento do corpo da letra, aquele que identificava a escrita a um sujeito determinado e cujo discurso tomava forma em um espaço-tempo delimitado.
